

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

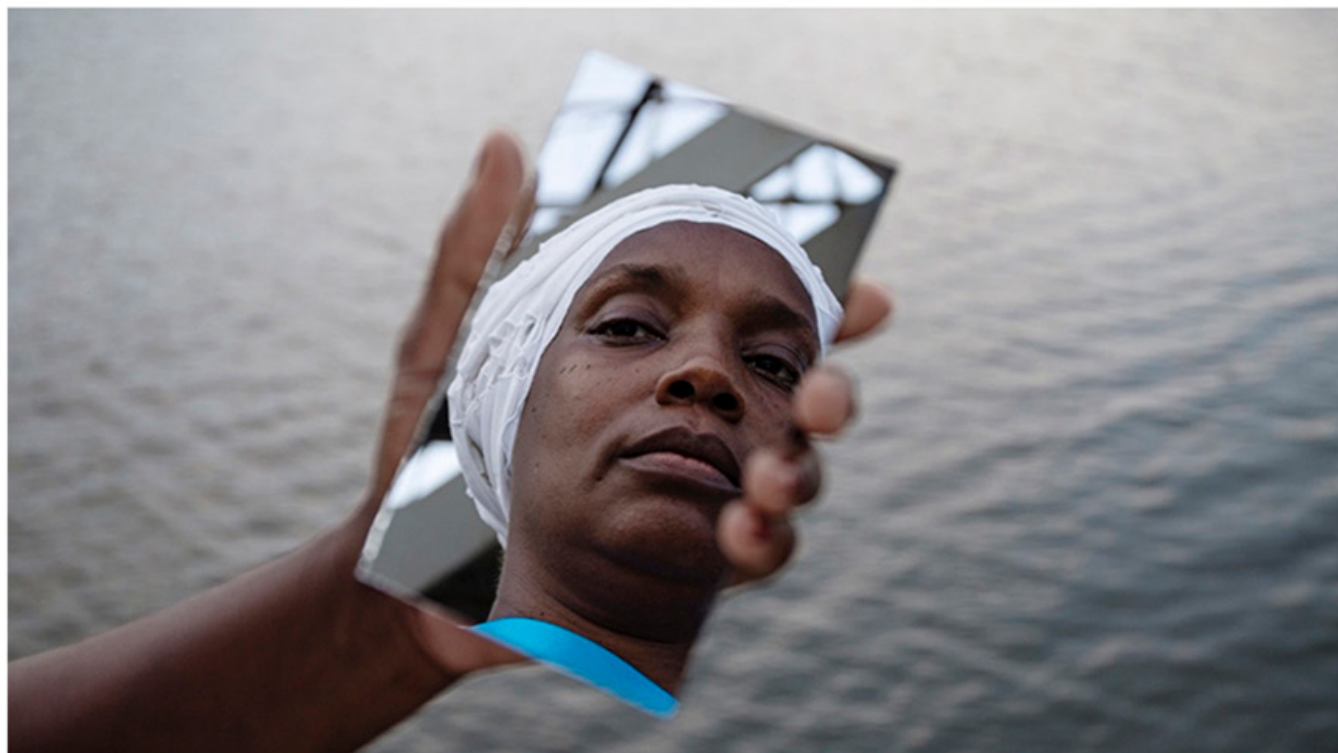


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

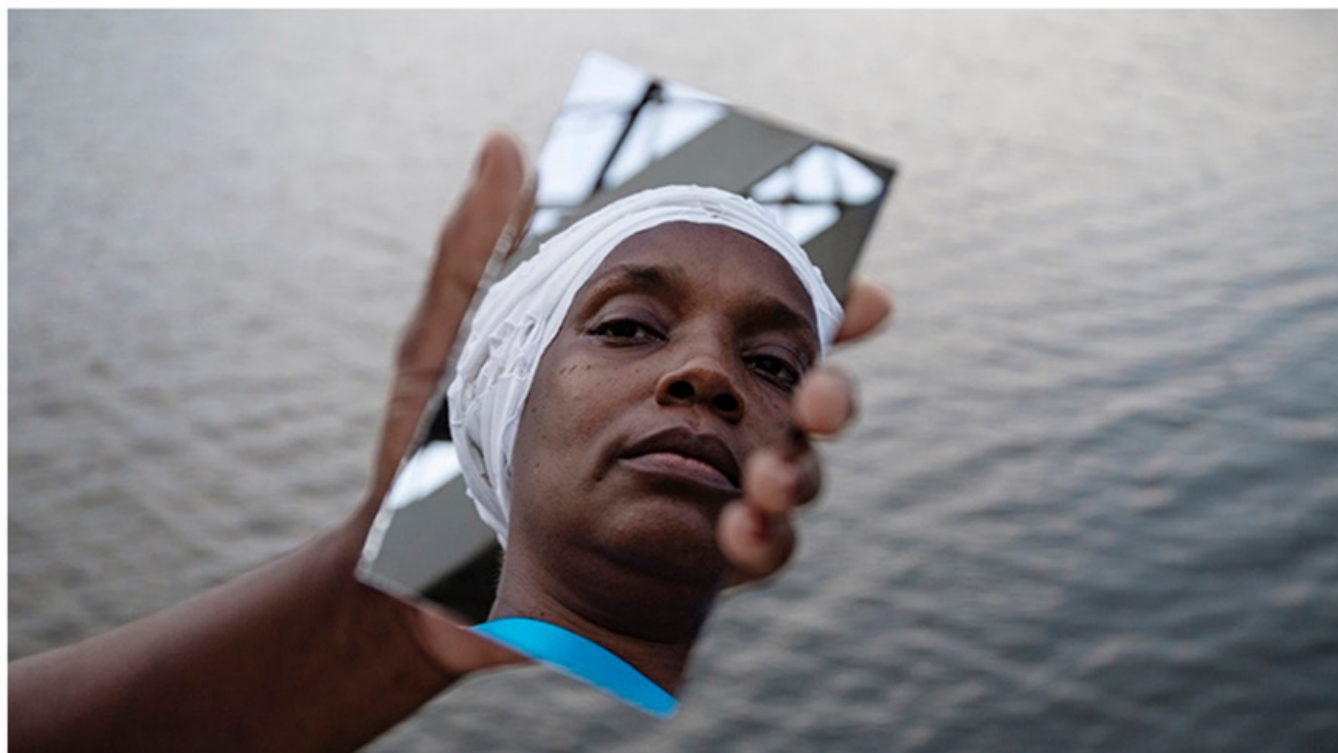


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



### Organização



### Apoio



## **42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)**

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)

Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)

Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)

Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)

Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)

Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)

Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)

Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)

Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)

Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)

Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)

Paula Ramos (UFRGS/CBHA)

Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)

Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

# A narrativa das mazelas socioeconômicas e a montagem nas ilustrações de LUIS TRIMANO

Alessandro Alvim, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Eba-UFRJ/  
alvimalessandro@gmail.com

## Resumo

Nos desenhos publicados no jornal a Folha de S.Paulo, na seção de Economia, entre abril de 1993 a junho de 2003, o ilustrador argentino radicado no Brasil, Luis Trimano, utiliza elementos iconográficos e signos visuais integrantes de suas ilustrações para criar relações entre eles com o objetivo de relatar ao leitor a história dos desfavorecidos pelo capital. Esse processo acontece através da montagem onde o ilustrador possibilita sentido do que é visto ou não, justamente pela relação entre o tempo e a história presente em cada imagem, na relação de cada imagem, e na relação entre todas as imagens. Trimano cria uma narrativa relacionando a montagem e o anacronismo das imagens, onde as mesmas se vinculam e expressam uma noção atemporal a acerca da história social e da realidade brasileira.

**Palavras-chave:** Montagem. Anacronismo. Ilustração editorial. Didi-Huberman. Trimano.

## Abstract

In the drawings published in the Folha de S.Paulo newspaper, on the Economics section, between april 1993 and june 2003, the Argentine illustrator based in Brazil, Luis Trimano, uses iconographic elements and visual signs that are part of his illustrations to create relationships between them with the aim of relating to the reader the history of those disadvantaged by capital. This process takes place through montage where the illustrator makes sense of what is seen or not, precisely because of the relationship between time and history present in each image, in the relationship of each image, and in the relationship between all images. Trimano creates a narrative relating the montage and the anachronism of the images, where they are linked and express a timeless notion about social history and Brazilian reality.

**Keywords:** Montage. Anachronism. Editorial illustration. Didi-Huberman. Trimano.

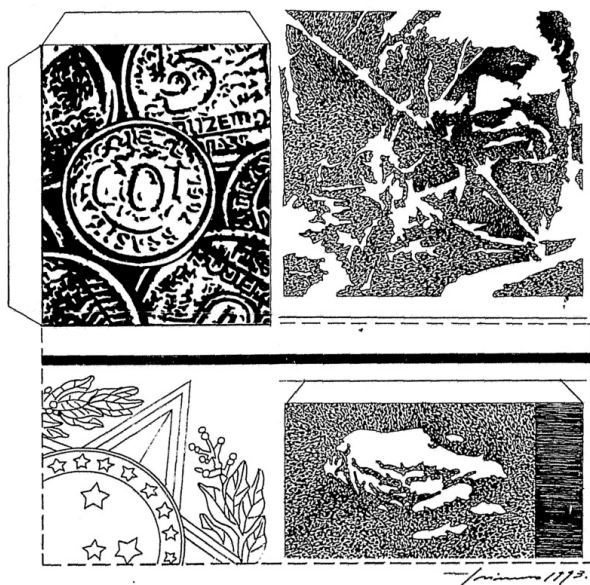


## Construir a ilustração por montagem

Ilustrando por dez anos, de 1993 a 2002, e aos domingos um artigo de opinião econômica na seção de Finanças do jornal a Folha de S. Paulo, o ilustrador argentino radicado no Brasil, Luis Trimano, criou pontes entre a montagem, a memória, história e tempo com suas ilustrações. Utilizando da fragmentação imagética, da multiplicidade de imagens e do referencial fotográfico, o ilustrador criou relações simbólicas entre os elementos para construir uma narrativa crítica de cunho político-social. Para confeccionar as ilustrações econômicas o ilustrador organizava sobre a mesa de seu projetor elementos gráficos que poderiam ser fotos, gravuras antigas ou, até mesmo, fragmentos de seus próprios desenhos, onde realizava uma montagem que era projetada sobre o papel para que executasse a ilustração. Nessa tarefa de ir construindo a imagem final com elementos que integravam a montagem o artista estabelecia um nexos relacional e fragmentado das imagens onde a montagem acontecia pela relação entre o tempo e a história presente em cada imagem, pela relação de cada imagem e pela relação entre todas as imagens, que construíam a narrativa. Isso é uma forma de fazer ver aquilo que não está diretamente representado, de imaginar, como aborda o filósofo francês Georges Didi-Huberman, sobre a montagem como forma de construção de conhecimento através da relação das imagens.

“Eu penso, pelo contrário, que a multiplicação e a conjunção de imagens, por mais lacunares e relativas que sejam, formam várias vias para mostrar que apesar de tudo aquilo que não se pode ver.”<sup>1</sup>

Essa forma de ver o que não está diretamente na imagem aparece em sua primeira ilustração econômica (fig.1) publicada no jornal paulistano, em 25 de abril de 1993 (fig.2).



**Figura 1.**

TRIMANO, Luis. Existem coisas que podem ser resolvidas já. Folha de S. Paulo, São Paulo, São Paulo, Caderno 2, Finanças, p.7, 25 de abr. 1993, nanquim e colagem, primeiro desenho publicado no caderno de Finanças, nanquim e colagem.

1 DIDI-HUBERMAN, Georges. Imagens apesar de tudo. São Paulo: Editora 34, 2020. p.192.

FOLHA DE S. PAULO

finanças

Domingo, 25 de abril de 1993 2-7

RESUMO DA ÓPERA

Existem coisas que podem ser resolvidas já

Para acertar a economia é preciso mudar a Constituição; mas há medidas simples e fortes a serem tomadas antes



CARLOS ALBERTO SARDENBERG

Especial para a Folha

É verdade que um programa de estabilização complexo exige uma reforma da Constituição — pois do jeito que está, o governo federal é inviolável economicamente e tende a fazer déficits. Mas não decorre daí que não há política econômica a fazer antes da reforma. Há coisas importantes a fazer.

A primeira delas é a aceleração e ampliação do programa de privatização. Também depende, no limite, de reforma constitucional para permitir a privatização de setores como petróleo e telecomunicações. Mas antes de chegar lá, o governo federal pode, por exemplo, desfazer-se das empresas para as quais não há impedimento constitucional, vendendo aquelas onde o governo é minoritário e das que dizem não ter monopólios estatais, embora mantendo o controle.

Na preparação do plano de ação divulgado ontem chegou-se a essa conta de que o governo pode juntar US\$ 1,5 bilhões nessa privatização. Seria o clássico modelo de saneamento financeiro: trocar patrimônio por dívidas.

Outra medida essencial é o controle sobre o gasto público. Todos os governantes defendem essa medida, mas todos tendem a desmentir na prática. O governo lamar, aliado pelo motivo, tem aumentado os gastos.

E há outras medidas necessárias mesmo em países estáveis, ricos e desenvolvidos: o controle dos monopólios e a punição da sone-

gação. Tem que ser como dizem os ingleses: que há duas coisas inevitáveis na vida, a morte e os impostos.

**Argumentos**

Deram um bom motivo para o presidente Iamar Franco concordar com a privatização de todas as siderúrgicas: de 1985 a 1991, o governo entendeu nas suas siderúrgicas nada menos que US\$ 10 bilhões. Dá foi só mostrar quanto isso dava em escolas, merendas, hospitais — e o presidente topou vender as usinas.

Então, tem um outro bom argumento: nos últimos oito anos, o Banco Central gastou US\$ 3,3 bilhões em programa de recuperação de seis bancos estatais estaduais, que continuam tecnicamente quebrados e devendo para o governo federal.

Se politicamente for muito difícil passar a ideia de privatização e/ou liquidação daqueles bancos, o governo poderia tomar duas pequenas, mas decisivas medidas: a primeira seria determinar que o Banco Central não seja obrigado a emprestar ou desviar qualquer tipo de recurso para salvar bancos estaduais; a segunda seria determinar que o banco estadual não possa emprestar dinheiro para o governo estadual que o controla.

E a lei que vale para o setor privado: um banco não pode emprestar para seu acionista controlador. Bastaria dizer que vale também para o setor público.

Isso eliminaria uma grande fonte de déficit público. Por não há força que faça os governan-

estaduais pagarem suas dívidas com os bancos estatais. Impedir novas dívidas já seria um grande passo no combate final à inflação.

**Funcionalismo**

Letuões, funcionários públicos, escreveram reclamando da coluna publicada no último dia 4. Aclamaram que o artigo era contra o funcionalismo, especialmente contra o reajuste salarial de 33%.

Não era.

Quanto que a crise do setor público chegou ao ponto por onde, sobram funcionários, onde não precisa, no gabinete de Brasília, por exemplo, e faltam onde precisa: médicos nos hospitais, policiais nas ruas, professores nas salas de aula. E os salários em geral são melhores nos gabinetes do que nas áreas operacionais.

Sem reforma no setor, ocorre a injustiça: para aumentar o salário do médico do Inamp, Antonio Ciccone, um dos leitores que escreveram, aumentou-se também o do assessor do Congresso. O médico do Inamp ganha, líquido e depois das 33%, Cr\$ 14 milhões. No Senado, o salário de funcionário de nível médio está em torno de Cr\$ 5,5 milhões.

E o reajuste salarial geral eleva o gasto público e faz inflação, porque o governo não economiza em outros setores.

Os funcionários naturalmente tem de lutar por seus salários. Mas procuraram lutar mais pela reforma do Estado.

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

Ex-vice de Carlos Alberto de Sá

QUANTO CUSTA COMPRAR A PRAZO

SAIBA QUANDO UTILIZAR O SEU CARTÃO

Relação do desconto na compra à vista com os juros

Quanto dias faltam para vencer a fatura	10%	15%	20%	25%	30%	35%
30	11,11%	17,65%	25,00%	33,33%	42,86%	53,65%
25	13,46%	21,53%	30,70%	41,23%	53,42%	67,69%
20	17,12%	27,61%	39,75%	53,96%	70,75%	90,82%
15	23,46%	38,41%	55,35%	77,78%	104,69%	136,69%

**COMO CALCULAR:**  
1) Na compra, veja de quanto o desconto, e qual o prazo para pagar a vista.  
2) Para as cotas de quanto o desconto para pagar a vista.  
3) Na tabela, a cruz entre as informações para saber qual o melhor mês para pagar o pagamento com o cartão se o desconto for desistido.

**EXEMPLO:**  
1) Na compra de um produto de Cr\$ 100 mil a loja dá um desconto de 30% se o pagamento for a vista, sem o uso do cartão o produto sai por Cr\$ 80 mil.  
2) Faltam 20 dias para o vencimento da primeira fatura.  
3) Para 20 dias de prazo e desconto de 30%, correspondendo juros de 39,75% ao mês se o consumidor for usar o cartão, como se pode ver na tabela, o desconto não vale a pena se o consumidor for desistido de 39,75%, pois a loja não dá desconto.

Fuente: Caixa Econômica Federal

QUANTO CUSTA TER CARTÃO DE CRÉDITO

Taxas de inscrição e juros cobrados do usuário

Cartão	Renda mensal	Inscrição	Anuidade	Juros do crédito	Acréscimo no crédito	Juros por atraso em %
	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
American Express Card	Cr\$ 365.000	4.287.000	276.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
American Express Gold	Cr\$ 365.000	4.287.000	4.099.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 10.000.000	1.400.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Cartão de crédito (intern)	Cr\$ 10.000.000	2.145.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Diners	Cr\$ 43.350.000	795.000	1.289.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Bradesco (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	89.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Bradesco (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.250.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.554.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.620.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.650.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.020.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.280.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	3.030.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Sol	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.396.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.450.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.830.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	960.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)

**COMO CALCULAR:**  
1) Na compra, veja de quanto o desconto, e qual o prazo para pagar a vista.  
2) Para as cotas de quanto o desconto para pagar a vista.  
3) Na tabela, a cruz entre as informações para saber qual o melhor mês para pagar o pagamento com o cartão se o desconto for desistido.

**EXEMPLO:**  
1) Na compra de um produto de Cr\$ 100 mil a loja dá um desconto de 30% se o pagamento for a vista, sem o uso do cartão o produto sai por Cr\$ 80 mil.  
2) Faltam 20 dias para o vencimento da primeira fatura.  
3) Para 20 dias de prazo e desconto de 30%, correspondendo juros de 39,75% ao mês se o consumidor for usar o cartão, como se pode ver na tabela, o desconto não vale a pena se o consumidor for desistido de 39,75%, pois a loja não dá desconto.

Fuente: Caixa Econômica Federal

QUANTO CUSTA TER CARTÃO DE CRÉDITO

Taxas de inscrição e juros cobrados do usuário

Cartão	Renda mensal	Inscrição	Anuidade	Juros do crédito	Acréscimo no crédito	Juros por atraso em %
	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
American Express Card	Cr\$ 365.000	4.287.000	276.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
American Express Gold	Cr\$ 365.000	4.287.000	4.099.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 10.000.000	1.400.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Cartão de crédito (intern)	Cr\$ 10.000.000	2.145.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Diners	Cr\$ 43.350.000	795.000	1.289.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Bradesco (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	89.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Bradesco (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.250.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.554.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.620.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.650.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.020.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.280.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	3.030.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Sol	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.396.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.450.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.830.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	960.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)

**COMO CALCULAR:**  
1) Na compra, veja de quanto o desconto, e qual o prazo para pagar a vista.  
2) Para as cotas de quanto o desconto para pagar a vista.  
3) Na tabela, a cruz entre as informações para saber qual o melhor mês para pagar o pagamento com o cartão se o desconto for desistido.

**EXEMPLO:**  
1) Na compra de um produto de Cr\$ 100 mil a loja dá um desconto de 30% se o pagamento for a vista, sem o uso do cartão o produto sai por Cr\$ 80 mil.  
2) Faltam 20 dias para o vencimento da primeira fatura.  
3) Para 20 dias de prazo e desconto de 30%, correspondendo juros de 39,75% ao mês se o consumidor for usar o cartão, como se pode ver na tabela, o desconto não vale a pena se o consumidor for desistido de 39,75%, pois a loja não dá desconto.

Fuente: Caixa Econômica Federal

QUANTO CUSTA TER CARTÃO DE CRÉDITO

Taxas de inscrição e juros cobrados do usuário

Cartão	Renda mensal	Inscrição	Anuidade	Juros do crédito	Acréscimo no crédito	Juros por atraso em %
	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
American Express Card	Cr\$ 365.000	4.287.000	276.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
American Express Gold	Cr\$ 365.000	4.287.000	4.099.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 10.000.000	1.400.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Cartão de crédito (intern)	Cr\$ 10.000.000	2.145.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Diners	Cr\$ 43.350.000	795.000	1.289.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Bradesco (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	89.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Bradesco (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.250.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.554.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.620.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.650.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.020.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.280.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	3.030.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Sol	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.396.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.450.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.830.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	960.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)

**COMO CALCULAR:**  
1) Na compra, veja de quanto o desconto, e qual o prazo para pagar a vista.  
2) Para as cotas de quanto o desconto para pagar a vista.  
3) Na tabela, a cruz entre as informações para saber qual o melhor mês para pagar o pagamento com o cartão se o desconto for desistido.

**EXEMPLO:**  
1) Na compra de um produto de Cr\$ 100 mil a loja dá um desconto de 30% se o pagamento for a vista, sem o uso do cartão o produto sai por Cr\$ 80 mil.  
2) Faltam 20 dias para o vencimento da primeira fatura.  
3) Para 20 dias de prazo e desconto de 30%, correspondendo juros de 39,75% ao mês se o consumidor for usar o cartão, como se pode ver na tabela, o desconto não vale a pena se o consumidor for desistido de 39,75%, pois a loja não dá desconto.

Fuente: Caixa Econômica Federal

QUANTO CUSTA TER CARTÃO DE CRÉDITO

Taxas de inscrição e juros cobrados do usuário

Cartão	Renda mensal	Inscrição	Anuidade	Juros do crédito	Acréscimo no crédito	Juros por atraso em %
	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
American Express Card	Cr\$ 365.000	4.287.000	276.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
American Express Gold	Cr\$ 365.000	4.287.000	4.099.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 10.000.000	1.400.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Cartão de crédito (intern)	Cr\$ 10.000.000	2.145.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Diners	Cr\$ 43.350.000	795.000	1.289.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Bradesco (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	89.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Bradesco (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.250.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.554.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.620.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.650.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.020.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.280.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	3.030.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Sol	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.396.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.450.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.830.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	960.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)

**COMO CALCULAR:**  
1) Na compra, veja de quanto o desconto, e qual o prazo para pagar a vista.  
2) Para as cotas de quanto o desconto para pagar a vista.  
3) Na tabela, a cruz entre as informações para saber qual o melhor mês para pagar o pagamento com o cartão se o desconto for desistido.

**EXEMPLO:**  
1) Na compra de um produto de Cr\$ 100 mil a loja dá um desconto de 30% se o pagamento for a vista, sem o uso do cartão o produto sai por Cr\$ 80 mil.  
2) Faltam 20 dias para o vencimento da primeira fatura.  
3) Para 20 dias de prazo e desconto de 30%, correspondendo juros de 39,75% ao mês se o consumidor for usar o cartão, como se pode ver na tabela, o desconto não vale a pena se o consumidor for desistido de 39,75%, pois a loja não dá desconto.

Fuente: Caixa Econômica Federal

QUANTO CUSTA TER CARTÃO DE CRÉDITO

Taxas de inscrição e juros cobrados do usuário

Cartão	Renda mensal	Inscrição	Anuidade	Juros do crédito	Acréscimo no crédito	Juros por atraso em %
	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$	Cr\$
American Express Card	Cr\$ 365.000	4.287.000	276.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
American Express Gold	Cr\$ 365.000	4.287.000	4.099.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 10.000.000	1.400.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Cartão de crédito (intern)	Cr\$ 10.000.000	2.145.000	40.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Diners	Cr\$ 43.350.000	795.000	1.289.000	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)	16,24% (a.e.a.)
Bradesco (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	89.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Bradesco (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.250.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.554.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Nacional (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.620.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.650.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Unicredit (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	2.020.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (nacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.280.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
BBR (internacional)	Cr\$ 12.423.500	5.500	3.030.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Sol	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.396.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.450.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	1.830.000	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)	4,50% (a.e.a.)
Cartão de crédito	Cr\$ 12.423.500	5.500	960.000	4,50% (a.e.a.)		

No texto, “Existem coisas que podem ser resolvidas já”, o articulista econômico Carlos Alberto Sardenberg defendia que se mudasse a constituição para que o governo Itamar Franco obtivesse a estabilização econômica, com o objetivo de combater o déficit fiscal e a alta inflacionária, já que o Índice de Preço ao Consumidor (IPCA) passava dos dois dígitos ao mês. Eram 27,7% de alta somente naquele abril de 1993.

O artigo tratou do macro, da máquina pública, do impessoal, mas diferentemente do texto, Trimano mostrou o micro, o indivíduo, o pessoal, por através da montagem de quatro fragmentos de imagem: uma figura negra esmaecida, uma mão contorcida, o detalhe do brasão da República e um punhado moedas novas e antigas amontoadas.

Seria a relação entre a figura negra e a mão contorcida a significação da força de trabalho, do trabalho excessivo, do trabalho escravo? E a relação do brasão com as moedas? A representação do poder econômico governamental? Esse jogo de uma imagem com a outra abre espaço a interpretação e a possibilidade de questionamentos pelo observador onde Trimano vai além do que escreve o jornalista. Para Didi-Huberman a fragmentação das imagens e a conjunção delas através da montagem, por mais relativas que possam ser, criam a possibilidade de mostrar o significado do eu não é visível. “E isso é possível porque a montagem intensifica a imagem e confere à experiência visual um poder que as nossas certezas ou hábitos visíveis pacificam ou velam”<sup>2</sup>.

Mas, esse ato de montar e construir uma narrativa com várias imagens entra no processo de trabalho de Trimano quando o artista foi convidado por Elifas Andreato<sup>3</sup> para prestar serviço na Editora Abril para ilustrar os Fascículos da Música Popular Brasileira, em 1971. Nesse período o artista via os assistentes de arte da editora utilizando um projetor para a elaboração das capas e das páginas especiais. Trimano passou adotar a projeção como ferramenta na estruturação composicional de suas ilustrações.

[...] na Editora Abril tinha um prisma, projetor de imagem sobre papéis. [...] E aí então, inclusive os assistentes de artes faziam fila para poder “prismar” a página. “Prismavam” a foto para depois botar a coisa na página. Bom, eu fiz parte também da fila porque eu ia no prisma... Comecei a valorizar a coisa que a Pop Arte valorizava que era a fotografia principalmente.<sup>4</sup>

---

2 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020. p.195.

3 Elifas Vicente Andreato (1946-2022). Artista gráfico, ilustrador, cenógrafo. Através de seus trabalhos como designer gráfico mescla arte e engajamento político em diferentes suportes, dando ênfase em suas criações para as expressões culturais brasileiras. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/elifas-andreato-elevou-a-musica-brasileira-com-capas-iconicas-e-oniricas.shtml>>. Acessado em: 17 set. 2022.

4 TRIMANO, L. Entrevista gravada ao autor em 9 de jul. 2022.



Na mesma época o ilustrador foi convidado para ilustrar o clássico *Moby Dick*, de Melville Herman (1819-1891), que integrou uma coleção de literatura infanto juvenil que a editora Abril Cultural lançava no mesmo ano. Para ilustrar a capa e os desenhos do miolo o artista começa a estudar o uso da fotografia por diferentes artistas, da fotografia no cinema e da montagem cinematográfica, como descreve.

Então ilustrando *Moby Dick* a coisa do cinema me veio muito... Ficou muito presente, porque o livro... nessa época, não tinha nem o cinema nem a fotografia, mas a concepção do Melville é cinematográfica. O livro tem o filme no próprio romance, em como ele vai descrevendo a coisa. Então foi fantástico e a partir daí eu comecei a trabalhar sobre a fotografia a pesquisar os artistas que já tinham trabalhado baseado com fotografias.<sup>5</sup>

### Montagem como pensamento crítico

O estudo da montagem e da fotografia na elaboração de seus desenhos se dá na exploração das imagens, de suas implicações, e da possibilidade de pensar com as imagens para se criar um ensaio narrativo e crítico da realidade social através das ilustrações econômicas. A montagem se desdobra em auto reflexividade e em metalinguagem com a exploração das imagens. Em entrevista ao *Jornal do Brasil* sobre uma exposição individual retrospectiva que realizava no Espaço Alternativo Funarte, em 1986, o ilustrador explica a importância da montagem em seu trabalho que adotou a partir de *Moby Dick*.

Na ilustração, esta preocupação de exasperar o traço expressionista centralizando a atenção numa única figura mais atenuada. Deu lugar ao estudo da composição na interpretação de determinados temas na intensidade dos diversos planos, na variedade e qualidade das retículas, assim como na utilização da fotografia e da colagem. Outro fator importante para ele tem sido o estudo da técnica da montagem cinematográfica, na incorporação de simultaneidade das imagens.<sup>6</sup>

A simultaneidade de imagens citada por Trimano na entrevista suscita no espectador uma percepção, cria sentimentos e gera a criação da figura do tema que é materializado pela narrativa proposta. Como o cineasta russo, Sergei Eiseinstein (1898-1948), detalha quando discute a compreensão da montagem.

O que esta compreensão da montagem implica essencialmente? Neste caso, cada fragmento de montagem já não existe mais como algo não-relacionado, mas como uma dada representação particular do tema geral, que penetra igualmente todos os fotogramas. A justaposição desses detalhes parciais em uma dada estrutura de montagem cria e faz surgir aquela qualidade geral em que cada detalhe teve

5 TRIMANO, L. Entrevista gravada ao autor em 9 de jul. 2022

6 BOMFIN. Trimano, o desenho – resistência, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1986, Caderno B.

participação e que reúne todos os detalhes num todo, isto é, naquela imagem generalizada, mediante a qual o autor, seguido pelo espectador, apreende o tema.<sup>7</sup>

Assim como no cinema, a ilustração de Trimano associa várias perspectivas no processo relacional entre as imagens. Usamos como exemplo o artigo de novembro de 1999, “Mercosul desenganado?”<sup>8</sup> (fig.3), ilustrado por Trimano. O articulista Rubens Ricupero<sup>9</sup> debateu em como a desvalorização do Real em janeiro do mesmo ano afetou negativamente as relações comerciais entre Brasil e Argentina que historicamente sempre sofreram influência das EUA.



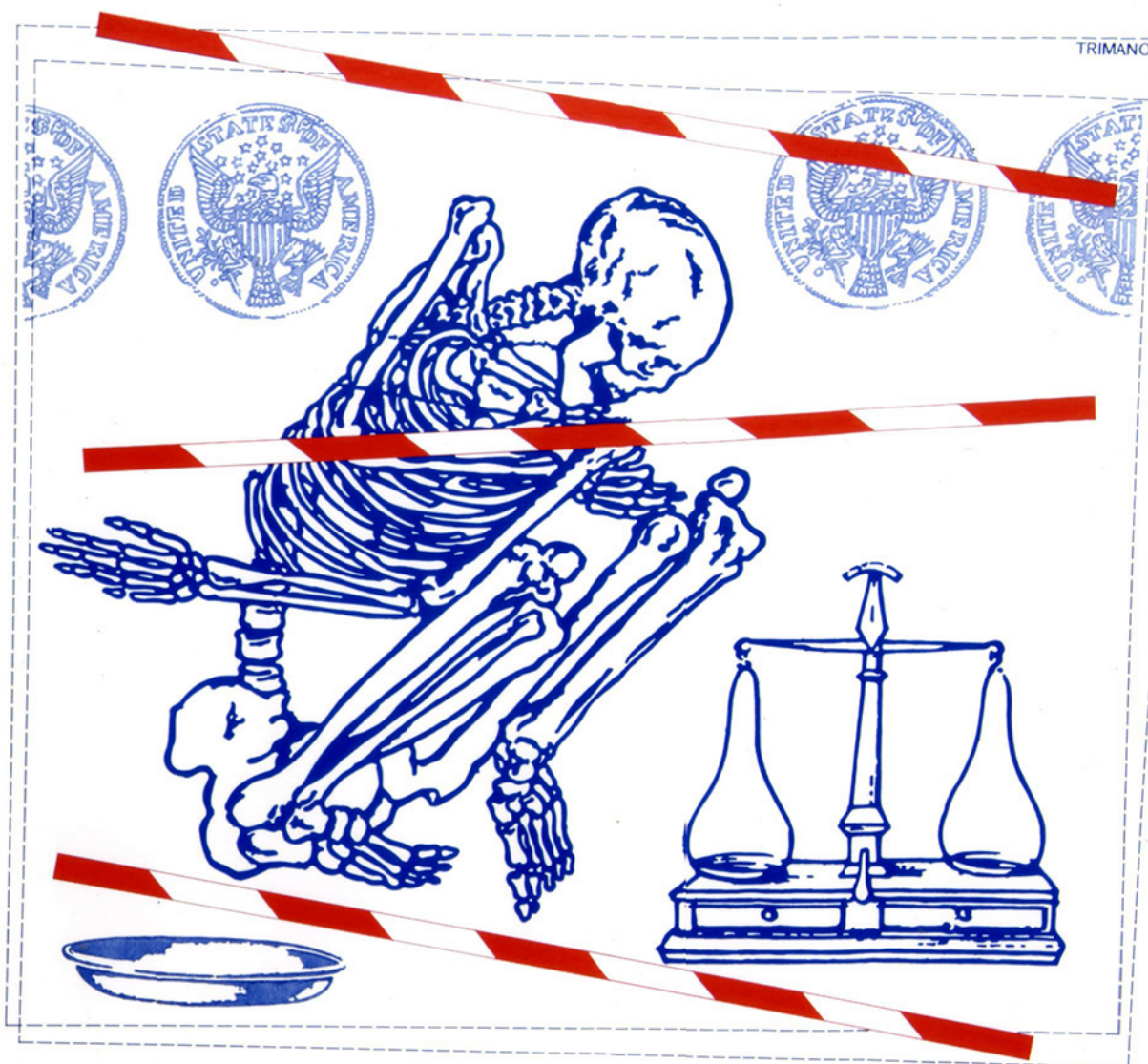
Figura 3.  
TRIMANO, Luis. Mercosul desenganado?  
Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno  
2, Dinheiro, p.2, 21 de nov. 1999, guache  
e colagem.

7 EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p.18.

8 RICUPERO, Rubens. Mercosul estagnado? Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 nov. 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2111199903.htm>>. Acessado em: 3 de set. 2022.

9 Rubens Ricupero (19370-), professor, advogado, diplomata e escritor brasileiro. Foi ministro da Fazenda (30 mar. 1994 - 6 set. 1994), do Meio Ambiente (14 set. 1993 - 5 abr. 1994), e da Articulação de Ações na Amazônia Legal (25 ago. 1993 - set. 1993) durante o governo Itamar Franco, além de embaixador do Brasil (16 jan. 1995 - nov.1995) na Itália

A ilustração (fig. 4) exhibe em primeiro plano um esqueleto de cócoras e com cabeça baixa, que tem a frente uma balança, ao fundo uma sequência do anverso de moedas de dólar e, à frente, três faixas listradas. Seria o esqueleto a representação simbólica da mingua pela qual se encontravam as relações bilaterais entres os países? Mas, a balança? Indicaria uma busca pelo equilíbrio? E as três faixas listradas? Indicariam o isolamento do governo brasileiro? E as moedas americanas? Seria a presença estadunidense? Esses questionamentos são formulados por elementos objetivos da economia que o texto carregava, mas que subjetivamente podemos conjeturar ao interpretar. Mas, existe um prato vazio à frente do esqueleto que foge a interpretação macroeconômica e muda o foco da significação para uma condição de penúria humana, o da fome.



**Figura 4.**

TRIMANO, Luis. Mercosul desenganado?

Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno 2, Dinheiro, p.2, 21 de nov. 1999, guache e colagem.

Para Huberman, a interpretação muda sob a fragmentação de imagens que se transformam na junção entre os elementos independentes e de diferentes significados. “Precisamos montar o que não podemos ver, para, se possível, dar a pensar as diferenças[...] – como uma forma de dar a conhecer apesar de tudo aquilo que é impossível ver” [...]”<sup>10</sup>. Porque a montagem opera no processo de produção de sentidos da obra em um nível cognitivo, emocional e plástico, mas, também na construção da narrativa que é composta por imagens, onde cada imagem é portadora de uma memória e acomoda uma montagem própria de tempos heterogêneos e descontínuos que, sem dúvida, se conectam e se interpenetram entre si. Trimano utiliza esse tipo de composição relacional de imagem que existe na montagem para invocar uma memória em suas ilustrações. Isso está diretamente ligado a montagem como uma forma de anacronismo<sup>11</sup> que existe em toda imagem e na relação da interpretação da imagem, como diz Didi-Huberman.

Esse tempo, que não é exatamente passado, tem um nome: é a memória. É ela que desencanta o passado de sua exatidão. É ela que humaniza e configura o tempo, entrelaça suas fibras, assegura suas transmissões, devotando-o uma impureza essencial. [...] Pois a memória é psíquica em seu processo, anacrônica em seu efeito de montagem, reconstrução ou “decantação” do tempo<sup>12</sup>

A montagem passou a ser utilizada por Trimano em suas ilustrações como procedimento filosófico, como uma forma de pensar a diferença. O deslocamento de uma imagem presente na ilustração em relação a uma imagem do mesmo desenho, de um tempo de uma imagem em relação a outra, isso é um anacronismo existente que aparece na noção da imagem-tempo. Didi-Huberman fala do processo de montagem enquanto método e forma de conhecimento.

A montagem aparece como operação do conhecimento histórico na medida em que caracteriza também o objeto desse conhecimento: o historiador remonta “os restos”, por eles próprios apresenta, dupla capacidade de desmontar a história e de montar juntos os tempos heterogêneos, Outrora com agora, sobrevivência com sintomas, latências com crises...Não se pode jamais separar o objeto de um conhecimento e seu método - ou seja, seu estilo<sup>13</sup>

No cinema uma imagem se transforma em contacto com outras imagens onde são criadas montagens imaginárias e simbólicas para a construção de uma narrativa como problematiza Huberman ao compreender e comparar o processo de montagem dos filmes sobre o holocausto ao citar o cineasta Jean-Luc Godard.

10 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens Apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020, p.197

11 DIDI-HUBERMAN, Georges; *Diante do Tempo. História da Arte e anacronismos das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

12 *Idem*, p.41.

13 *Idem*, p.133.



Godard não diz outra coisa: “A montagem, [...] é o que faz ver”. É o que transforma o tempo do visível, parcialmente recordado numa construção reminescente, em forma visual da obsessão, em musicalidade do saber, isto é, em destino: “Na montagem encontra-se o destino”. O que é uma forma se situá-la claramente à altura do pensamento. Ao que Godard acrescenta: “que o cinema [foi], antes de mais nada, feito para pensar”, que, antes de mais, ele deveria apresentar-se como “uma forma que pensa”. A montagem é a arte de produzir forma que pensa. Ela procede, filosoficamente, de modo dialético[...]: ele é a arte de tornar a imagem dialética.<sup>14</sup>

Trimano utiliza a montagem cinematográfica como exercício criativo e carrega para suas ilustrações como um modo de investigar as imagens, de desmontar e de remontar sob fragmentos dessas mesmas imagens, onde elas carregam suas historicidades, com a consciência de um anacronismo, onde nelas é valorizado e transformado em potência de criação e de conhecimento. Porque para Didi-Huberman a noção de anacronismo emerge da imagem no que ele chama da dobra exata da relação entre imagem e história<sup>15</sup>, onde a imagem tem história e não escapa da história, como pontua o filósofo francês.

[...] não quero dizer que imagem é “intemporal”, “absoluta”, “eterna”, que ela escapa por essência à historicidade. Ao contrário, sua temporalidade só será reconhecida como tal quando o elemento de história que a carrega não for dialetizado pelo elemento de anacronismo que a atravessa.<sup>16</sup>

Assim, as ilustrações de Trimano assumem as diferenças, tanto no âmbito da montagem de tempos a qual trata Didi-Huberman, que significa uma renúncia à unificação e a imobilização temporal onde os tempos e os espaços heterogêneos se confrontam, se cruzam e criam outras configurações, quanto no aspecto da montagem como gesto de colocar as imagens em relação, onde através do uso das imagens causar o choque e fazer o espectador pensar. Mas, o choque presente na montagem cinematográfica também foi abordado por Eisenstein, justamente pela montagem exercer um papel paradoxal que varia entre a associação de planos e o choque, atuando como elemento discursivo e transformador. Como cineasta descreve ao analisar a técnica de montagem de diferentes colegas de trabalho.

[...] não poderíamos ler um conteúdo de um plano sem, antes de tudo, detectar sua natureza ideológica e intelectual e, assim encontrar na justaposição dos planos o estabelecimento de um elemento qualitativo novo, uma nova imagem, um novo conceito.<sup>17</sup>

14 GODARD, apud DIDI-HUBERMAN, Georges; *Imagens apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020, p.197 - 198.

15 DIDI-HUBERMAN, Georges; *Diante do Tempo. História da Arte e anacronismos das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p.30.

16 *Idem*, p.31.

17 EISENSTEIN, Sergei. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002b, p.212.

Para Eisenstein, isso é a capacidade de extrair resultados sintéticos dos fenômenos históricos presentes nas partes menores do filme que integram a narrativa do todo e que foi construída sobre a relação da imagem e do tempo. Relação também problematizada pelo próprio Eisenstein e por Didi-Huberman, mas, que foi tratada por Gilles Deleuze<sup>18</sup> ao fazer uma abordagem crítica sobre a montagem quando fala do cinema como dispositivo para a reflexão sobre o tempo, a memória, a construção de verdades e enquanto forma pensamento.

Para Deleuze, cinema é uma sucessão de imagens equidistantes, com o movimento acontecendo entre os cortes móveis, entre dois instantes, e que opera com dois dados complementares.

Com efeito, o cinema opera com dois cortes instantâneos, a que chamamos de imagens; um movimento ou tempo impessoal, uniforme, absoluto, invisível ou imperceptível, que existe "no" aparelho e "com" o qual fazemos desfilarem as imagens.<sup>19</sup>

Onde o que é observado pelo espectador não é o fotograma, mas sim uma imagem-média,<sup>20</sup> a qual o movimento pertence. Sendo que o movimento representa o presente, e o espaço percorrido pelo movimento, o passado, e acontece nos intervalos, ou seja, o movimento é uma sucessão de cortes móveis de onde surge a imagem-movimento. Essa relação de imagem-tempo é possível pela montagem.

O que cabe à montagem, em si mesma ou em outra coisa, é a imagem indireta do tempo, da duração. Não um tempo homogêneo ou uma duração espacializada, [...], mas sim uma duração e um efetivo que decorrem de articulação das imagens-movimento, [...] A montagem é a composição, o agenciamento das imagens-movimento enquanto constituem uma imagem indireta do tempo.<sup>21</sup>

Deleuze ainda aborda o pensamento e o cinema através da montagem<sup>22</sup> como geradora de choque que obriga o pensar quando analisa o cinema americano, o neorrealismo italiano e a *nouvelle vague*<sup>23</sup> francesa. Onde para o filósofo, as diferentes

---

18 Gilles Deleuze analisa a imagem e o movimento no cinema a partir das teses desenvolvidas por Henri Bergson em *A evolução criadora* (1907) e confronta com as proposições em *Matéria e memória* (1896) para falar do ato de criação dos cineastas em torno da imagem-movimento onde aborda os cortes móveis, o enquadramento e a decapagem reunida pela montagem em *Cinema 1 – A imagem-movimento*. Depois, continua o estudo em um segundo volume onde faz uma análise do cinema americano, do neorrealismo italiano e da *nouvelle vague* quando escreve *Cinema 2 – A imagem-tempo*. DELEUZE. Cf. Gilles, *Cinema 1 – A imagem-movimento*. São Paulo: Editora 34, 2018a. Cf. Id. *Cinema 2 – A imagem-tempo*. São Paulo: Editora 34, 2018b.

19 DELEUZE, Gilles; *Cinema 1 – A imagem-movimento*. São Paulo: Editora 34, 2018a, p.14.

20 *Idem*, p.15.

21 *Idem*, p.55-56.

22 DELEUZE, Gilles; *Cinema 2 – A imagem-tempo*. São Paulo: Editora 34, 2018b.

23 O termo *Nouvelle Vague* foi usado entre o final da década de 1950 e o início dos anos 1960, na França, por um grupo de críticos cinematográficos da popular revista *Cahiers du Cinéma*.

formas de montagem constroem uma unidade, uma totalidade, uma forma final que desemboca num pensamento através da montagem.

Por isso depende da montagem, embora resulte da imagem: ele não é uma [206] soma, mas um "produto", uma unidade de ordem superior. O todo é a totalidade orgânica que se afirma opondo e sobrepujando suas próprias partes, e que se constrói como uma grande Espiral, segundo as leis da dialética. O todo é o conceito. Por isso o cinema é dito "cinema intelectual", e a montagem, "montagem pensamento".<sup>24</sup>

Para Deleuze, o choque força o pensar no todo, porque é a representação indireta do tempo que decorre do movimento e, esse efeito de fazer pensar constitui o sublime, como descreve. "A imagem cinematográfica deve ter um efeito de choque sobre o pensamento e forçar o pensamento a pensar tanto em si mesmo quanto no todo. É a própria definição de sublime"<sup>25</sup>. O fazer pensar ocasionado ao espectador se faz por uma clareza que advém da montagem. Mas, essa legibilidade de consciência que possibilita a montagem é descrita por Didi-Huberman como uma forma de utilização dos restos, dos fragmentos, das possibilidades de pensamento, que por vezes, são abandonadas no processo de produção do novo conhecimento.

Mas o historiador-filósofo dos "andrajós", dos "restos" da observação, também sabe que entre a pura dispersão empírica e a pura pretensão sistemática, é preciso restituir os restos seu valor de uso: "utilizando-os", ou seja, restituindo-os em uma montagem, a única capaz de lhes oferecer uma "legibilidade" (Lesbarkeit)<sup>26</sup>

Trimano não abandona os restos, trabalha na montagem dos fragmentos e desmonta elementos para remontar um novo conceito de narrativa na busca da consciência como forma de pensar abordada por Didi-Huberman, Eisenstein e Deleuze. Trimano começou com o estudo da montagem cinematográfica e da fotografia um exercício criativo que carregou para suas ilustrações como um modo de investigar as imagens, desmontando-as e remontando-as sob fragmentos dessas mesmas imagens. Os fragmentos remetem à noção de testemunho, que por sua vez nos leva aos fatos históricos. Onde essas imagens carregam suas historicidades com a consciência de um anacronismo, onde nelas é valorizado e é transformado em potência de criação e de conhecimento. Esse é um processo que considera que a montagem pressupõe a desmontagem onde a ilustração de Trimano desconserta e faz o outro pensar, como descreve Didi-Huberman ao polemizar a desmontagem prévia como busca de conhecimento no processo de montagem.

24 DELEUZE, Gilles; Cinema 2 – A imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2018b, p.230.

25 DELEUZE, Gilles; Cinema 1 – A imagem-movimento. São Paulo: Editora 34, 2018<sup>a</sup>, p.233.

26 DIDI-HUBERMAN, Georges; Diante do Tempo. História da Arte e anacronismos das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019, p.133.

Nada expressa melhor, talvez, do que o verbo desmontar [désmonter]. Poder-se-ia se dizer que a imagem desmonta a história assim como o raio desmonta o cavaleiro, o faz cair de seu cavalo. Nesse sentido, o ato de desmontar supõe o desconcerto, a queda: a palavra “sintoma” não está muito distante. Uma imagem que me desmonta é uma imagem que me interrompe, me interpela, uma imagem que me deixa confuso, privando-me momentaneamente de meus recursos, faz-me perder o chão.<sup>27</sup>

Por essa ótica, a ilustração de Trimano sobrevive ao tempo comparada ao texto, porque o artigo contém a informação de seu tempo e por isso é um elemento de passagem, já a ilustração é um elemento de duração, porque a imagem carrega mais memória. “A imagem é altamente sobredeterminada: ela abre várias frentes, poderíamos dizer, ao mesmo tempo”<sup>28</sup>. Explica Didi-Huberman ao relacionar as possibilidades da imagem e memória na relação com o tempo. O ilustrador relaciona as possibilidades da imagem e da memória na relação com o tempo, como na ilustração feita para o artigo econômico, “O fim do ócio” (fig.5), de setembro de 1999, sobre aumento da carga de trabalho nos EUA. Onde, o artigo de Rubens Ricupero trazia os números de um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que alertava para o crescimento das horas trabalhadas pelos americanos enquanto os salários e a qualidade de vida se mantinham estagnadas por duas décadas. A ilustração representa uma estátua sem cabeça e braço esquerdo, mas com a porção do membro superior direito até o cotovelo, levantado e posicionado de forma que o gestual se assemelha ao da Estátua da Liberdade, monumento estadunidense e ícone do capitalismo.

---

27 *Idem*, p.131.

28 *Idem*, p.24.



PAINEL S/A

Festejado pelo mercado...

O PPA é o primeiro plano que leva em consideração a intenção de investimento do setor privado. É planejamento moderno, que não pressupõe voluntarismo do governo, diz o economista Luís Paulo Rosenberg. Mas é de supor, já que esteve próximo da elaboração do projeto.

...atacado por especialistas

"Este PPA é o plano da margem do serviço público", afirma Raul Velloso, especialista em finanças públicas. Motivo: o setor privado não precisa de plano plurianual para orientar seus investimentos, mas, como não há dinheiro para aumentar as ações do governo, temos um plano que não resolve o problema.

Devagar com o andar...

Se neste ano o superávit comercial está descartado, no ano que vem a balança poderá ficar positiva em US\$ 3 bilhões ou US\$ 4 bilhões, prevê Claudio Addison, da consultoria ACMA. Agora, alcançar exportações de US\$ 100 bilhões é outra conversa. "Quem sabe em quatro ou cinco anos, se tudo correr muito a favor."

Por que não subiu?

Porque a renda mundial, que estava ruim, e mais importante para o comércio exterior do que o câmbio, explica Addison. No ano que vem deve melhorar.

Modernização

Enquanto que empresas tenham conta em moeda estrangeira no Brasil um avanço, diz João Sade, especialista em direito do comércio exterior. "Mas a liberação para todos os setores aqui o mesmo que houve na Argentina: o dinheiro de todos os setores foi depositado no exterior."

Faz diferença

O mercado estima que haja entre US\$ 50 bilhões e US\$ 100 bilhões de brasileiros depositados no exterior. Muitos teriam dificuldade de comprovar a origem do dinheiro. A taxa seria uma ampliação. Talvez?

Atenção, gestores

O efeito da CPMF sobre empresas de alguns setores pode ser devastador, revela pesquisa inédita da Tipocopi, da USP. O aumento de 0,18 ponto na alíquota reduziu o lucro de 107 empresas do setor de varejo em 63% — dez dessas empresas testam todos os lucros consumidos pelo acréscimo.

Procura-se imóvel

O grupo Varig tem quase 8.000 ações trabalhistas na Justiça e não se acanha de, a cada sentença, dar sua loja da rua da Consolação em São Paulo em caução, só que a Justiça não aceita mais.

Atividade sustentável

O movimento sindical começa a buscar alternativas que complementem as contribuições no custeio de suas atividades (fundo de pensão, cooperativa habitacional etc). O tema será debatido, em setembro, em seminário da Federação dos Químicos de SP, que acontece na Federação dos Trabalhadores da Construção Civil.

Levantam-se as bandeiras

A mudança de papeis da inflação neste ano cria um ambiente mais favorável a greves. Mas não é o suficiente para todos os setores. A estabilidade mudou o perfil das negociações e fez com que o país, que fazia 4.000 greves em '98 (segundo maior número do mundo), fizesse só 320 em '99.

Isso explica?

Chama a atenção dos melhores nos EUA: "Pai Rico, Pai Pobre: O Que os Ricos Ensinam a Respeito de Como os Pobres se Comportam". O livro de Charles Murray, publicado pela Basic Books, diz que os pobres não são mais pobres, mas sim "classe média baixa".

OPINIÃO ECONÔMICA

O fim do ócio

RUBENS RICUPERO

Lembram-se de quando era moda para economistas como George Friedman que o fim do século não seria o fim do mundo, mas o fim do mundo como o conhecemos? Pois bem, estudo recente da Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de revelar que os americanos trabalham quase 2.000 horas por ano! O pior (ou melhor, a depender do ponto de vista) é que o número de horas de trabalho anual por pessoa não cessa de aumentar, tendo saltado de 1.883, em 80, para 1.942, em 90, e 1.995, em 97.

A tendência já havia sido detectada pela economia de Harvard Juliet B. Schor, que publicou no início da década "The Overwork Ethic", ou "O Americano Sobre o Trabalho". O livro observava que, após ter diminuído gradualmente até 39 horas, a semana de trabalho tinha começado a crescer de novo. Na época da publicação, o trabalhador médio já estava trabalhando 164 horas extras por ano, o equivalente a um mês adicional. O curioso é que isso ocorreu justamente quando a família em que marido e mulher trabalhavam estava se tornando a norma da classe média e o desemprego era expressivo.

Conforme sugere o subtítulo, o crescimento do tempo livre foi inteiramente inesperado, pois veio inverter tendência para a redução da semana de trabalho que deu origem da reação dos sindicatos à expansão do capitalismo selvagem da Revolução Industrial quando se chegava a trabalhar 70 e 80 horas semanais. Qual teria sido a causa dessa surpreendente inversão de tendência? Segundo a autora, haveria três principais: 1) a própria natureza do capitalismo selvagem; 2) a ordem institucional que se estabeleceu após a Revolução Industrial; 3) a estagnação do nível de vida



a partir de 1973.

Não se falava ainda de globalização quando a pesquisa foi publicada. Por isso, a economia se refere simplesmente à lógica do mercado, que é estar as horas de trabalho ao máximo, até o ponto em que o governo ou os sindicatos intervenem. Para o empregador, é melhor dispor de prolongada semana de trabalho com pouca gente do que ter de contratar milhares de trabalhadores com tudo o que isso significa em termos de treinamento, custos adicionais, não só com salários, mas previdência, e toda a panoplia de taxas e contribuições que oneram a folha.

O desdobramento natural da primeira causa nos conduz à segunda. Se o único fator limitativo da tendência ao aumento é a oposição do governo e dos sindicatos, espere-se que a deregulamentação da economia a partir de Reagan e o enfraquecimento sindical deixem o campo livre aos patrões. A prova é que, na Europa, onde os governos e sindicatos não desarmaram, caminha-se para a semana de 35 horas (já é lei na França) e para quatro ou seis semanas de férias (em contraste com as férias

americanas de duas semanas). O terceiro motivo é que, durante duas décadas, os salários médios e o nível de vida se mantiveram estagnados (já começaram a melhorar recentemente). O resultado é que as pessoas tinham de trabalhar mais horas a fim de não sofrer deterioração do estilo de vida. "Correr para ficar parado".

É interessante que a evolução americana contrasta com a japonesa, que indica decréscimo de 2.121 horas, em 80, para 2.031, em 90, e 1.885, em 95 (último dado disponível). Quem diria, alguns anos atrás, que os americanos superariam em horas de trabalho os aparentemente imbatíveis nipônicos?

O contraste ainda é maior com a Europa, onde, em 97, na Noruega se trabalhavam 1.399 horas e, na Suécia, 1.552. Na França, em 95, eram 1.656 e, na Alemanha, 1.564, nesse mesmo ano.

A questão toda é saber quem antecipa o futuro, a tendência ou o presente. Os EUA ou a Alemanha, a Europa ou o Japão? Até que ponto esse é um dos fatores que explicam o melhor desempenho da economia americana? Seria

uma das consequências indesejáveis da globalização (que exacerbou a concorrência), um dos indícios confirmando que os EUA completaram antes que se desenhava uma transformação estrutural que os outros terão de imitar? Ou, como já sucedeu no passado, trata-se de um fenômeno passageiro que pode ser invertido pelo governo e pelos sindicatos?

São perguntas relevantes, pois a realidade da semana de trabalho sempre foi vista como parte do esforço para humanizar a economia e melhorar a qualidade de vida. Se os padrões fossem seguidos das a partir de cada vez de menos tempo livre para dedicar aos filhos, ao aperfeiçoamento pelo estudo, à recreação, às artes, às atividades religiosas e comunitárias, que tipo de mundo teríamos criado?

Analisar se pudéssemos encontrar consolo na ideia de que o ser humano se realiza no trabalho (e no amor, não esqueçamos), vá lá, teríamos no menos 50%. Já não seria que é esse trabalho anual que estamos falando ou de um outro, menos embrutecedor, menos alienante? Quem diria, poderiam aspirar de verdade a um trabalho criativo, realizador, que se faz com prazer?

Os americanos inventaram a palavra "workaholic", mas foi também um americano que declarou: "No trabalho duro faço não me sinto bem, mas quando estou fora, sinto-me mal". Os americanos não teriam reservado tudo para si, não deixando nada para os outros? Ou, se preferirem, como comentamos anteriormente, a essa admiração mundo novo em que, em lugar de trabalhar para viver, se vive para trabalhar, esta frase de um dos autores do "Manifesto do Surrealismo".

"De nada vale estar vivo se somos obrigados a trabalhar".

Rubens Ricupero, 42, secretário geral do Conselho Nacional das Nações Unidas no Brasil e diretor-geral do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da ONU. Foi também diretor do Departamento de Economia da Foz de Iguaçu e do Departamento de Economia da Foz de Iguaçu.

TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS

Geopolítica dos impérios entra em crise

GILSON SCHWARTZ

da Equipe de Articulistas

O destino da Rússia será decidido nos próximos meses. Os sinais que continuam surgindo são assustadores. O presidente fedist foi explicitamente incriminado num episódio de corrupção na semana passada.

Faz tempo que o império soviético ruía, a queda do muro de Berlim completa dez anos e daqui a um mês, mas os efeitos do desmonte continuam fazendo vítimas nos mais altos círculos de poder. A perspectiva é de fortalecimento das forças armadas.

A China, até agora, tem resistido. Para alguns economistas, o sucesso chinês deve-se a opção gradualista que vinha sendo implementada. Mas os problemas desse outro sistema de dimensão e vocação imperial estão se agravando, assim como ocorreu na União Soviética, na razão direta da velocidade da liberalização.

A maioria dos analistas aponta as empresas estatais chinesas como fonte e foco dos problemas. Recomendam uma aceleração do processo de privatização.

Isso pode fazer sentido do ponto de vista econômico, mas os técnicos ocidentais parecem esquecer que, por dentro das estatais, o que existe é uma poderosa rede controlada pelos militares. O desmonte econômico não se fará sem um arranjo com esses setores.

Qualquer descuido nessa área cria desequilíbrios no sistema de poder que tendem a se tornar mais perversos e destrutivos que os problemas econômicos que, em tese, o desmonte do Estado pretende resolver.

Há na China um Comitê Central Militar (CCM), comandado pelo presidente Jiang Zemin. No último dia 1 de setembro, o CCM reafirmou a predominância do Partido Comunista Chinês sobre o Exército de Libertação do Povo. "Seve tipo de sistema, um comunalismo dessa natureza já é sinal de que as coisas não andam bem."

O comunicado adverte para uma certa dificuldade das forças armadas, de natureza ideológica, com relação à modernização segundo o espírito da "economia de mercado socialista".

Claro que, por trás dessa dificuldade, o que está em jogo é a capacidade de o partido manter o controle sobre o Exército num momento de aceleração das reformas e agravamento da crise econômica, a um mês da celebração dos 50 anos da Revolução Chinesa.

Há cerca de um ano, Jiang Zemin dava início ao desmonte do poder econômico dos militares. São 15 mil empresas com receitas anuais estimadas em US\$ 25 bilhões, em compensação a um orçamento militar oficial de US\$ 37 bilhões, segundo o Centro de Inteligência Global Stratfor.

A expansão dos interesses econômicos dos militares era uma forma de aprofundar a revolução, garantindo empregos sem sobre-carga de orçamento fiscal.

O outro lado da moeda foi o aumento da corrupção e o gradual desenvolvimento de conflitos de interesse entre burocratas e militares.

Além disso, segundo a Stratfor, desde o momento em que Zemin começou a tentar desmontar o sistema surgiram evidências cada vez mais claras de que as informações disponíveis não eram confiáveis. Por setores militares estavam rapinando o máximo antes de entregar os ativos apropriados para o Partido Comunista.

O governo central, além de ficar com o problema, passou a enfrentar duas pressões dos militares: pelo aumento do orçamento do setor e por compensações à derrogação das empresas estatais.

Ou seja, a solução tão intensamente sugerida por economistas e técnicos ocidentais teve o dom de multiplicar os problemas, tornando-os mais complexos, e de ordem militar e estratégica. E, por dentro, como revelam as tendências recentes com relação ao futuro de Taiwan.

LIÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Desenvolvimento: o sonho não acabou...

LUCIANO COUTINHO

Em seminário nesta semana no Rio de Janeiro, organizado pela UFRJ e pela UFRB, discutiu-se o tema do desenvolvimento no contexto da mundialização dos mercados de capitais e da hegemonia bipolar dos Estados Unidos.

O desenvolvimento dos países periféricos tornou-se um tema de debate no Rio a propósito do relatório do capitalismo central até o início dos anos 70, quando, sob o "regime de Bretton Woods", a ordem internacional comportava a prática do protecionismo industrial e a regulação nacional do crédito, especialmente se as economias estivessem abertas às transnacionais.

Nos anos 80 e 90, sob o paradigma neoliberal, diluiu-se a "legitimidade" dos projetos de desenvolvimento e debilitaram-se os Estados nacionais. Liberalização, deregulação e privatização passaram a constituir os pilares de uma suposta "nova ordem" que prometeria a "modernização" e o progresso por força das virtudes da eficiência alocativa dos mercados de capitais. Este e projeto nacional de desenvolvimento passaram a ser tachados como anacronismos. A América Latina embarcou com tudo nesse vórtice: abriu-se o financiamento, usou dólares cambiais para conter seus processos inflacionários, incorreu em anos seguidos de sobrevalorização cambial com elevados déficits externos e privatizou os serviços essenciais.

Colhida pela crise internacional, desde 1977, a região — e o Brasil incluído — vem amargando dura recessão, sem perspectivas de crescimento sustentável. A fragilização foi profunda: muitas cadeias setoriais da indústria foram desarticuladas, as exportações não reagiram, a desindustrialização foi intensa, os passivos externos se acumularam, colapsou um pesado serviço anual de juros e juros e se adivinha o cenário de crise econômica doméstica empadronado os



banco central. Não há mais ruído no Brasil e no continente nem de radicalização das reformas liberais (pois não há mais suporte político doméstico para isso na maioria dos países) nem tampouco de uma rota alternativa de desenvolvimento com reformas democráticas.

Por isso, mais que oportuno o debate no Rio a propósito do relatório "Estados e modas no desenvolvimento das nações", organizado por José Luís Fiori. Nela, dois preceitos contrapostos afirmam a viabilidade e o avanço de projetos nacionais de desenvolvimento: China e Coreia do Sul.

A China atravessou as décadas de 80 e 90 com impressionante desempenho, alcançando crescimento médio de 10% ao ano. As exportações se expandiram a 16% ao ano, saltando de US\$ 27 bilhões em 1985 para US\$ 184 bilhões em 1998. Melhorias substanciais de infra-estrutura, padrão de vida e redução da pobreza são fatos incontestáveis. Nos últimos três anos de crise asiática a Chi-

na decelerou um pouco o seu ritmo — vem crescendo a cerca de 7,5% ao ano. A sua agricultura preocupa e a implementação do programa de reformas (que visa injetar eficiência nas empresas e impor critérios creditícios mais rigorosos) vem causando desemprego. As exportações começaram a se desacelerar diante das fortes depreciações competitivas das outras moedas asiáticas. Os desafios se acumulam.

Mas a China tem pleno controle sobre o seu balanço de pagamentos e sobre os fluxos de capitais (pode escolher o momento que quiser, mais adiante, para desvalorizar o yuan, sem maiores traumas); sua taxa de juros de longo prazo é de apenas 4,7% ao ano.

Carlos Medeiros, autor do artigo sobre a China, assinala que "o governo chinês demonstrou desde o início das reformas de 1979 uma impressionante capacidade de intervenção, explorando as oportunidades surgidas", e deposita esperança de que será capaz de atravessar os

difíceis desafios. Já a Coreia do Sul, que flertou desordenadamente com o neoliberalismo desde meados dos anos 80 e chegou ao fim em agosto de 1997, já empreendeu uma rápida e impressionante reavaliação. Em apenas 12 meses (de dezembro de 1997 para dezembro de 1998) as reservas de divisas subiram de praticamente zero para US\$ 52 bilhões, em decorrência da espetacular reversão da balança comercial (de um déficit de US\$ 8,3 bilhões em 1997 para um superávit de US\$ 39 bilhões em 1998). O PIB, que havia crescido a uma taxa anual média de 6,8% no ano no período de 1992-1997, caiu fortemente em 1998 (-5,5%), mas já se projeta crescimento de 6% em 1999.

A reestruturação das grandes conglomerados coreanos, a ênfase nas indústrias de alto valor agregado e a preocupação em fomentar a ciência e tecnologia para capturar oportunidades em novos setores intensivos em conhecimento revelam que a Coreia não apenas conseguiu dar a volta por cima (gratificante, mas desnacionalização de seu sistema empresarial), mas também retomou o sonho de ingressar no clube restrito dos países de vanguarda da 3ª revolução industrial.

No Brasil, porém, os desequilíbrios e passivos acumulados nos últimos anos colocam sérios obstáculos à retomada do crescimento sustentável. O país se debate com uma economia desarticulada, deficitária e endividada, com o Estado debilitado e com profunda fragilização do empresariado nacional. O desenvolvimento, infelizmente, ainda parece distante como uma miragem, pois será necessário, antes, reconstituir fundamentos para sustentá-lo. E isso de começar!

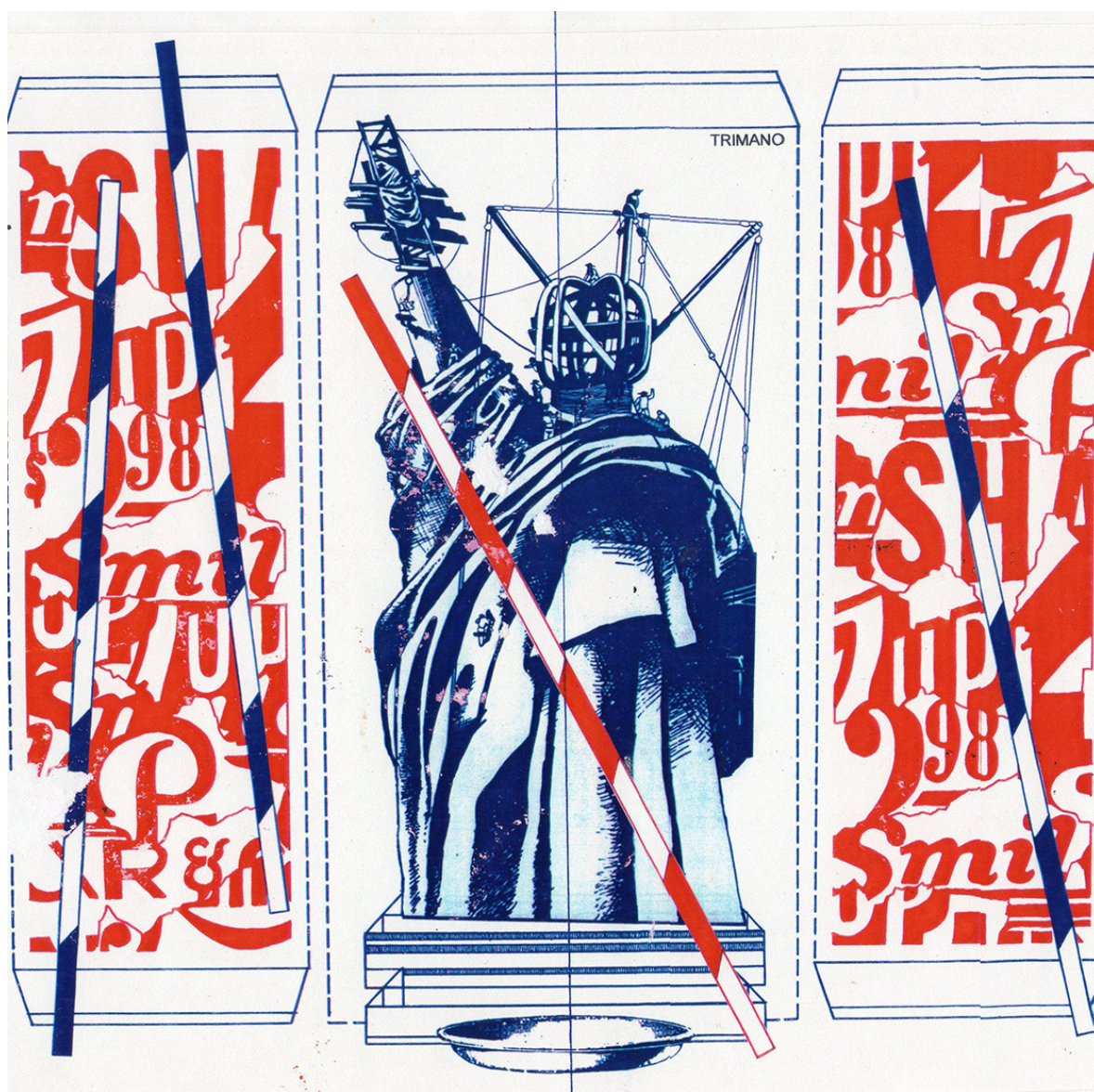
Luciano Coutinho, 53, é professor titular do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp), faz parte do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Foz de Iguaçu e do Departamento de Economia da Foz de Iguaçu.

Figura 5.

TRIMANO, Luis. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno 2, Dinheiro, p.2, 12 de set. 1999, esferográfica e colagem.



Na composição da estátua (fig.6) há no lugar do crânio uma estrutura metálica composta por vigas erguidas por operários que faz alusão há um capacete ou máscara para repressão, como a de flandres. Nas mãos, o vigamento que sai do cotovelo tem um entroncamento perpendicular com outras vigas na posição a que seria ao do pulso, o que sugeriria um instrumento de coerção, como um grilhão. De frente a estátua, um prato vazio, novamente a representação de ausência de comida, de significado da fome. Nas laterais da estátua, dois painéis compostos por fragmentos de tipografias de marcas comerciais, como o fragmento da logo da Coca-Cola, outro signo capitalista. Na frente uma faixa listrada na diagonal que expressam o sentido de isolamento, de proibição.



**Figura 6.**

TRIMANO, Luis. Folha de S. Paulo, São Paulo, Caderno 2, Dinheiro, p.2, 12 de set. 1999, esferográfica e colagem.

A objetividade dos números da pesquisa em que se baseia o texto ilustrado não interferem ou tornam a ilustração anacrônica ao espectador. Porque se usarmos a questão levantada por Huberman sobre a relação da história com o tempo, a temporalidade da ilustração não carrega o dilema anacrônico que o texto carrega com o passar do tempo. Porque essa possibilidade técnica, estética e filosófica que a montagem cinematográfica possibilita a Trimano estão presentes em suas ilustrações publicadas na editoria de Finanças do jornal Folha de S. Paulo sob a forma de montar, desmontar, criar narrativa para fazer o leitor pensar sobre as agruras socioeconômicas da vida cotidiana brasileira.

### Considerações finais

Os três teóricos, Georges Didi-Huberman, Sergei Eisenstein e Gilles Deleuze abordam a montagem e suas implicações, como forma relacionar temporalidades e historicidades; como forma de montagem de pensamento com as imagens; como um exercício de pensamento por montagem; e como busca de conhecimento através da imagem. Porque o ato de montar é o ato de produzir um outro novo, um outro conceito, um novo significado e uma nova consciência, e é o que Trimano exerce na sua ilustração no jornal a Folha de S. Paulo quando monta o discurso social. Porque a montagem como conceito não está presente somente na camada do visível, está na camada sociológica e filosófica da ilustração econômica feita por Trimano como elemento crítico da realidade com a imagem.

### Referências

- BENJAMIN, Walter; Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987
- DELEUZE, Gilles; Cinema 1 – A imagem-movimento. São Paulo: Editora 34, 2018a.
- \_\_\_\_\_. Cinema 2 – A imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2018b.
- DIDI-HUBERMAN, Georges; Imagens apesar de tudo. São Paulo: Editora 34, 2020.
- \_\_\_\_\_. Diante do Tempo. História da Arte e anacronismos das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- \_\_\_\_\_. A forma do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002b.

TRIMANO, Luis. Trimano: Desenhos e ilustrações. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1997.

\_\_\_\_\_. A mostra, os traços certos de Trimano, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 mar. 1993a, Caderno B.

\_\_\_\_\_. 15 perguntas para Luis Trimano. Revista Ilustrar, São Paulo, n.16, p.42a-53b. 2010. 42b. Disponível em: <[https://revistailustrar.com.br/wp-content/uploads/2020/12/revista\\_ilust\\_16.pdf](https://revistailustrar.com.br/wp-content/uploads/2020/12/revista_ilust_16.pdf)>. Acesso em: jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Arte, com humor. O desenhista Luis Trimano, no Memorial. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 10 mar. 1993, P.2, Caderno 2

BOMFIN. Trimano, o desenho – resistência, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 nov. 1986, Caderno B.

#### Como citar:

ALVIM, Alessandro. A narrativa das mazelas socioeconômicas e a montagem nas ilustrações de LUIS TRIMANO. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 989-1004, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.079>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>